Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XXVI Volume | 10 de Junho de 1903 | N.º 880

DR. AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENA
Vice-presidente eleito da Republica dos Estados Unidos do Brazil

CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos em junho! Quem tal diria!

Lê a gente descripções do que foram o Santo Antonio, o S. João, o S. Pedro de outros tempos, e não ha maneira de acreditar que assim fosse ou de querer acreditar que assim agora seja.

Junho era d'antes um mez alegre, mez de descanço, todo elle illuminado por balões e fogueiras, alegrado pelas bombas e foguetes. Os primeiros calores exaltavam as fantasias e o amor nascia nos corações dos rapazes e raparigas que se fartavam de queimar alcaxofras.

Falar dos santos era contar alegrias, como se elles lhes aprouvesse descer dos céos para outra vez habitar na terra comnosco.

Mas emfim, como ainda agora vamos na terça parte do mez, esperança podemos ter que quem preside ao destino de lavoiras e amores nos favoreça com o sol lindissimo nos dias de tão antigas e poeticas tradições.

Imagine-se uma carga d'agua na Praça da Figueira n'uma d'essas noites de folia, de cravos com versos, de mangericões, de cornetas de barro. Seria tanto de maravilhar como uma missa de gallo em que todos os homens se abanassem com chapeos de palha.

Haverá alegrias na série dos dias santos, se o tempo o deixar, se mais do que o tempo nos favorecer por uns dias um prego bemdito que venha travar a roda da desgraça, cada vez com maior velocidade perturbando a ventura humana.

CONDE DE PENHA LONGA

Já não anda senão de automovel, que melhor não ha para esmagar innocentes.

Felizmente, o sr. Conde de Penha Longa effectuou sem precalços uma viagem de Madrid a Lisboa e poderam os amigos abraçal-o effusivamente por motivo da velocidade e de vêl-o são e salvo. Sciencia e sorte.

Parece má sina que nasceu com a humanidade, isto de não haver um momento em que se possa afoitamente descançar, sem um mal que nos moleste no presente, sem uma lembrança que nos entristeça o passado ou sem um véo negro que nos tolde o futuro.

Não temos infelizmente que sahir da nossa terra para de coisas tristes fazer menção, nem que procurar guerras de exterminio ou catastrophes, crimes hediondos ou luctas geraes.

UMA VISTA DA CAPITAL FEDERAL

É ler os telegrammas do Porto, é percorrer com os olhos os jornaes d'esta cidade.

A gréve dos tecelões, que não parece deve acabar tão cedo e que é problema de solução difficillima, segundo parece, aquellas procissões de famintos que tem percorrido as ruas, são de comprimir os corações aos mais insensiveis.

Casos pungentes se teem dado, que não podem ser lidos a sangue frio: mulheres que se põem de joelhos erguendo os filhos nos braços, boccas que se estorcem com fome, mãos de trabalhadores que se estendem á caridade.

Scenas de miseria são estas ainda quando contadas nas linhas frias d'um telegramma, sem um commentario, sem um ponto de exclamação, e que por si bastam para velar com uma sombra as mais ridentes imagens, a luz da maior alegria.

E de alegrias temos de falar, de grandes alegrias até, mas d'estas em que todos podemos entrar de coração tranquillo, que é de justiça que se fez, que é de gratidão de que se deu provas.

Duas homenagens foram agora prestadas a dois muito illustres portuguezes, que por um trabalho assiduo de muitos annos bem o mereceram d'aquelles que lhe promoveram as altas e commoventes apotheoses.

Differentes foram seus trabalhos, muito differentes. Nem haveria maneira de juntar seus nomes, se por elles não vibrassem egualmente os corações d'uma geração agradecida. Um d'esses homens dedicou á sciencia muito mais de meio seculo em que trabalhou constante. O outro é um artista, um inspirado. Mas arte e sciencia irmanam-se, porque ambas caminham para um mesmo ideal, todo elle feito de luz, e um ponto haverá no espaço onde se encontrem.

Podem n'um mesmo artigo juntar-se estes dois nomes: o do sabio, que é nossa gloria, José Vicente Barbosa du Bocage, e o do insigne caricaturista, por quem todos sentimos o maior dos enthusiasmos, Raphael Bordallo Pinheiro.

Differentes foram as festas, mas pontos de contacto não podiam deixar de ter: o enthusiasmo e a commoção.

CONSELHEIRO JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE

Realisou-se a primeira em sessão solemne da Sociedade de Geographia presidida por el-rei, que entregou ao sr. Barbosa du Bocage a medalha de oiro, suprema distincção criada por aquella Sociedade em 1879 e que só oito vezes havia sido concedida, a José Anchieta, o sabio que tantos annos viajou pelos sertões africanos e foi do sr. Bocage um dos mais illustres collaboradores, a Serpa Pinto, Capello e Ivens, tres nomes gloriosos de exploradores, a Luciano Cordeiro que tão relevantes serviços prestou á Sociedade de que foi secretario, ao coronel Galhardo que de tanta gloria se cobriu nas guerras d'Africa, ao chorado Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite, e finalmente, ainda ha poucos dias, a João de Azevedo Coutinho, nome glorioso de ha muito de que maiores glorias se ennobreceu na ultima campanha do Barué.

Bem fica um sabio á ilharga de heroes.

E' grande a obra do sr. Barbosa du Bocage, que, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, era desde 1849, professor de zoologia na Escola Polytechnica de Lisboa.

Durante mais de cincoenta annos trabalhou incançavelmente, havendo escripto perto de duzentas obras de maior ou menor tomo, memorias, noticias e relatorios sobre os assumptos da sua especialidade.

Nem a edade, nem a cegueira que n'estes ultimos annos o feriu o fizeram abandonar trabalhos de que tão amoroso se mostrou sempre. É d'este anno sua ultima obra: *Contribution à la faune des quatre îles du golfe de Guinée.*

A elle e a seu devotado amor á sciencia se deve o museu de historia natural da Escola, que tanto o interessava, que nem lhe deixou de merecer cuidados no tempo em que foi ministro de estado e graves questões teve pendentes de suas pastas.

Á sessão solemne da Sociedade de Geographia concorreram representantes de todas as escolas e estabelecimentos scientificos de Portugal. O Dr. Eduardo Burnay encarregou-se do elogio do venerando sabio e soube commover por mais d'uma vez o auditorio.

DR. EDUARDO BURNAY

No momento em que El-rei entregou a medalha d'oiro ao velho professor que, cego, não podia ver quantas lagrimas marejavam os olhos dos que assistiam á festa commovedora, os applausos romperam de todos os lados da grande sala.

Boas alegrias são estas e demos graças a Deus porque as vimos repetidas.

No dia seguinte, pelas seis horas da tarde, entrava Bordallo Pinheiro na redacção do *Diario de Noticias*, onde o presidente da Associação dos Jornalistas lhe fez entrega do album de perto de trezentas paginas, assignadas por jornalistas, artistas, homens de letras e muitos outros admiradores do prodigioso talento do artista, que é gloria nossa, lendo Alfredo da Cunha a mensagem que lhe dirigia a commissão promotora d'esta festa.

Seguiu-se depois um banquete de duzentos e tantos talheres que se realisou na sala do theatro de D. Maria, esplendidamente decorada e illuminada.

Foram enthusiasticos os brindes, inaugurados pelo presidente da Associação dos Jornalistas, sr. Brito Aranha, e fechados com chave d'oiro pelo nosso orador Antonio Candido, apesar de não estar annunciada sua oração.

Augusto Rosa recitou d'um camarote uma poesia do Conde de Monsaraz e Jorge Collaço disse versos seus em castelhano.

Foi uma festa lindissima, de inolvidaveis recordações para Raphael Bordallo, para os seus, e para todos que n'ella tomaram parte.

E assim se praticaram actos de justiça para com dois homens a quem muito deve a nação, porque souberam fazer admirar e respeitar seus nomes em todo o mundo civilisado.

Mais uma vez nos curvaremos respeitosamente perante o sabio professor de immaculada vida, e abraçamos, muito cá de dentro, o grande artista e excellente amigo.

Estas alegrias são boas de contar e não levam amarguras nem sequer aos mais desgraçados. Um bocadinho de justiça que já se fez até lhes póde levar esperanças.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENA

Vice-Presidente da Republica do Brazil

E' actualmente este um dos nomes mais preponderantes na politica dos Estados Unidos do Brazil.

Natural de Minas Geraes, aos seus dotes de talento e de caracter deve as sympathias que hoje gosa em todo o Brazil, tendo feito na politica uma carreira brilhantissima, da qual a eleição realisada na capital federal, Rio de Janeiro, que o elevou á dignidade de vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, foi uma das mais evidentes provas.

O sr. Affonso Augusto Moreira de Pena já durante o governo imperial havia occupado dois importantes logares na administração publica do paiz, como ministro da guerra em 1882, e da justiça em 1885, dando provas, quer n'uma quer n'outra pasta, não só das suas muitas aptidões, como da sua grande probidade.

Com o advento da republica o seu nome foi logo indigitado, por merecer, como cidadão exemplar, honestissimo e probo, toda a confiança nos logares mais dominantes da administração politica do Brazil.

Foi com o mais inexcedivel zelo, distincção e acerto que o dr. Moreira Pena desempenhou o logar de presidente do Estado de Minas Geraes, cargo para que os seus concidadãos o haviam nomeado, e essa bella prova de boa administração dos negocios publicos, valeram-lhe o ser indicado para a vice-presidencia da Republica Brazileira.

Tendo sido a sua eleição disputada pelo conselheiro Andrade Figueira, pretenderam os partidarios d'este, fazer correr mundo que a eleição do dr. Moreira Pena havia corrido tumultuosa e aggressiva, mas não tardou muito tempo que o telegrapho não desmentisse esta asserção dando-a como propria d'um despeito mal contido.

A eleição do dr. Moreira de Pena para a vice-presidencia foi uma manifestação expontanea e sincera, tendo os que o elegeram a convicção de que não só prestavam um acto de justa homenagem ao illustre candidato, como envestiam n'aquella alta dignidade quem o valia pelo seu caracter, pelos seus serviços e pelos seus talentos.

A EXPOSIÇÃO PECUÁRIA-AGRICOLA EM EVORA

Terminaram as festas em Evora ali realisadas nos dias 31 de maio e 1 do corrente, por occasião do certamen pecuario-agricola, promovido pelos lavradores do Alemtejo e que foram um symptoma eloquentissimo do amor com que n'esta cidade historica se procuram ainda manter as gloriosas tradições d'um povo essencialmente agricola e devotadamente trabalhador.

Effectivamente, e toda a imprensa foi unanime em o confessar, a exposição realisada em Evora affirmou a maneira persistente como os seus creadores de gados trabalham para conseguir triumphar dos obstaculos que a todo o momento se levantam e que teem paralysado os esforços de muitos.

O exemplo que Evora acaba de dar devia ser imitado n'outras regiões do paiz, afim de que os poderes publicos olhassem com a attenção devida para um dos mais florescentes ramos da riqueza nacional, — a agricultura — tão definhada e abatida.

A exposição constou do seguinte:

Pelo real syndicato d'Evora:

3 debulhadoras e as respectivas locomoveis, compressora de folha locomovel, gadanheira, atadeira, ceifeiras, tararas, crivos, apparelhos de transporte de lavoura, charruas, apparelhos de lanificios e adegas e apparelhos de lavoura antigos.

Pelo syndicato de Reguengos:

3 apparelhos de debulha a vapor e varios instrumentos de lavoura e adega.

Pela Empreza Industrial Portugueza:

Machinas de debulha a vapor, charruas, cultivadores, enfardadeiras, corta palha, tarara, bombas para agua — industria portugueza.

Ceifeira, atadeira, gadanheira, uma charrua Howard, machina de rolha capulas e desnatadeiras; — industria estrangeira.

Pelo sr. Antonio Sarmento; debulhadeira a va-

por, ceifeira, atadeira, gadanheira, distribuidor de guano, prensas e charruas diversas.

Pelos srs. Balboutia, Orte & C.ª de Sevilha; moinho triturador de azeitona, movido a gado.

Pelos diversos lavradores, gado cavallar, muar, asinino, bovino, caprino e suino na totalidade de 813 cabeças.

Só a installação destinada aos cães comprehendia um enorme quadrado dividido em compartimentos onde estavam 116 animaes de variadas raças.

A exposição realisou-se no vasto Rocio de S. Braz, sendo a parte comprehendida entre a fabrica do gaz e a estrada de circumvalação occupada pelas installações de alfaias e machinas agricolas, e a outra parte do Rocio comprehendida entre a egreja de S. Braz e as estradas da Rampa e da circumvalação, occupada pelos gados, comprehendidos nas diversas classes do programma.

A installação do gado cavallar occupava uma longa barraca com 42 baias onde se viam outros tantos cavallos, alguns de bellisima estampa.

Uma das nossas gravuras representa uma parte d'esta installação admiravelmente disposta.

* * *

El-Rei o senhor D. Carlos dignou-se ir inaugurar pessoalmente esta exposição partindo de Lisboa no dia 30 de maio, acompanhado pelos srs. ministro das obras publicas, conde de Arnoso, conde de Tarouca, D. Antonio Paraty, dr. Oliveira Feijão, etc., aguardando-o na estação d'Evora o elemento official, civil, militar, ecclesiastico.

Na estação organisou-se um cortejo composto de 36 carruagens que era fechado pela carruagem Drumont em que ia El-Rei com a sua comitiva, e que era precedida por um vistoso grupo de rapazes das principaes familias da terra, vestidos á alemtejana com os cavallos ajaezados egualmente.

Esse grupo era composto dos srs. José Soares, Moreno, Manuel Peres, Manuel Mira, Joaquim Braamcamp Mattos, José Braamcamp Mattos, João Franco, Francisco Mira, Estevão Fernandes, Miguel Fernandes.

E' assumpto de outra gravura que offerecemos aos nossos leitores a chegada da carruagem real á casa do sr. dr. Barahona.

Depois do almoço, Sua Magestade acompanhado pelos seus dignitarios de serviço e ministro das obras publicas, dirigiu-se para a exposição, entrando no pavilhão do syndicato agricola, onde se realisava o acto da inauguração.

D'ali El-Rei visitou a pé as diversas installações, demorando-se no hangar onde estavam expostos os cavallos, sendo n'essa occasião offerecido pelo sr. dr. Barahona para o sr. infante D. Manuel, o cavallo «Kalifa», um bello luso-arabe de 5 annos, de magnifica estampa.

D'esta visita de Sua Magestade é egualmente assumpto um dos instantaneos tirados expressamente para o «Occidente.»

Em seguida o sr. D. Carlos voltou ao pavilhão do syndicato d'onde assistiu ao desfilar do gado cavallar, outro instantaneo que faz parte das nossas gravuras.

Foi ainda na tarde d'este dia que se realisou a tourada, havendo á noite recita de galla no theatro *Garcia de Rezende*, sendo o espectaculo dado pela companhia de zarzuella que ha pouco esteve no theatro da Trindade, que representou a peça *Molinero de Subisa.*

No dia seguinte, 1 do corrente, El-Rei visitou a Bibliotheca, uma das mais importantes e notaveis do paiz, e que occupa o edificio do antigo collegio dos meninos do côro, annexo ao Paço Episcopal, e fundado por D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas.

Passando da sala da Bibliotheca, que contém approximadamente 50 mil volumes e importantes e raros manuscriptos e codices, ás salas do Museu, El-Rei poude admirar o rarissimo trypetico de Limoges, que ali se guarda, e os quadros de Pedro Alexandrino, os desenhos de Vieira Lusitano, etc.

Visitou tambem o sr. D. Carlos a Sé Metropolitana, cuja fundação se attribue ao bispo D. Pelayo, em 1186.

Cita-se a Sé d'Evora como um dos mais notaveis monumentos de Portugal, com as suas tres naves de 43 metros de comprimento, guarnecidas de «triforium» ou tribunas.

Quando sahiu da Sé, Sua Magestade foi a pé ao templo de Diana, que com a sua disposição architectonica em columnas de marmore branco e granito, nos transporta aos templos da antiga Roma.

Com o regresso d'El-Rei a Lisboa coincidiu a sahida do maior numero de forasteiros que de todos os pontos do paiz tinham occorrido á historica cidade, a assistir a uma das festas mais sympathicas dos nossos dias, essa festa do trabalho, que tamanha gloria deu aos seus promotores e tão grande honra á cidade onde se realisou.

EXPOSIÇÃO DA

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

Completamos n'este numero do Occidente a nossa revista da 3.ª exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, reproduzindo pela gravura mais alguns quadros que figuravam n'aquelle certamen d'arte.

Principiaremos pelo quadro *A descamisada*, do sr. José Malhôa, uma tela cheia de luz e de côr, o mesmo é dizer cheia de alegria e vida, que completa a festa campesina, tão portugueza, de nossos costumes, e que Malhôa pintou com mestria.

Outro quadro é *Carinhos de mãe*, do sr. Thomaz de Moura, pintor portuense, que estudou em Paris com Paul Laurens e Benjamin Constant.

Uma pobre mãe, pobre ainda de formosura, o que faz mais triste o quadro, alem da pobreza de composição.

O quadro *Sabotier breton*, do sr. Adolpho de Sousa, discipulo de Ferreira Chaves e de Jean Paul Laurens, de que colheu certamente boas lições, porque a exposição d'este artista é muito apreciavel, sendo um dos seus melhores quadros o que reproduzimos em gravura.

Os avosinhos d'aldeia, um quadro do sr. Almeida e Silva artista viziense, que pinta com inexcedivel paciencia e clareza, denotando a falta de uma boa escola, apesar de ter por lá os Grão Vascos.

FRANCISCO BENETO

Vel-o, ouvil-o e admiral-o.

Tudo o que dissermos d'este eximio violinista é pouco para bem se apreciar do seu merecimento artistico. Não queremos, pois, nós, no limitado espaço de que podemos dispor, fazer a sua justa quanto merecida apreciação, limitando-nos apenas a prestar-lhe esta simples mas sincera homenagem, n'estas exiguas phrases com que tentamos esboçar a breves traços a sua já tão laureada carreira artistica. Antes, porém, informaremos os nossos leitores de que Francisco Benetó é natural de Villanueva de Castellon do districto de Valencia (España) e nasceu a 10 de dezembro de 1878, tendo portanto 25 annos incompletos e começando de tenra edade a sua educação musical.

FRANCISCO BENETÓ

Teve por mestres os srs. André Goñi, actual director d'orchestra da Real Academia dos Amadores de Musica e Mrs. Wite e Marsick no conservatorio de Paris, sendo ahi condiscipulo do notavel violinista Thibaut, a que O Occidente já prestou tambem justa homenagem em o n.º 876.

Emquanto estudante do Conservatorio de Paris, Francisco Benetó obteve sempre as melhores classificações.

Terminando os seus estudos n'aquelle modelar estabelecimento d'ensino, Benetó fez parte das orchestras Collonne e d'Harcourt, como primeiro violino e dedicando-se á carreira de concertista teve bastas occasiões de ser justamente victoriado e applaudido pelos diversos publicos aonde se apresentou.

Sendo contractado pela Escola de Musica de Camara, como concertista, Benetó tem sido ouvido e apreciado com geral agrado pelo nosso publico, durante os 2 annos de brilhante existencia que conta esta illustre e util agremiação artistica.

É professor distincto, comprovando-o bem a apresentação de sua illustre discipula sr.ª D. Margarida Machado Miranda na festa artistica ultimamente realisada no Salão do Real Conservatorio de Lisboa, que executou com todo o primor o concerto n.º 8 de Rode. Gratas recordações nos ficaram d'essa encantadora festa a que assistimos em a noite de 4 do corrente e em que tivemos mais uma vez occasião de apreciar e applaudir o talento de Benetó.

Do seu programma que foi bem elaborado e muito bem escolhido, especialisaremos os seguintes numeros que mais nos impressionaram e nos commoveram pela maneira correcta e unica como foram interpretados, pelo primor inexcedivel de execução, emfim, tudo contribuiu para que Benetó fosse alvo das mais enthusiasticas ovações.

São elles os seguintes trechos:

Concerto de Beethoven (1.º tempo com a grande cadencia de Leonard) — Rondó Capriccioso de Saint-Saens.

Tomaram parte tambem n'este bello concerto além de Benetó e de sua discipula D. Margarida Machado Miranda, a distincta professora madame Sarti — que cantou magistralmente como sempre as romanzas de Mozart — *Le Soir* e *La Vieille* — e os srs. M. Ferreira, A. Lamas, D. Luiz da Cu-Menezes, Martins Junior, Mackee, Cunha e Silva e Lambertini.

Consagrando, pois, a Francisco Benetó, estas despretenciosas e breves linhas, que a sua extrema modestia nos relevará, d'aqui o saudamos effusivamente, congratulando-nos sempre por tão merecidas e justas manifestações de sympathia e de apreço de que tem sido alvo entre nós e de que é digno tão illustre e distincto artista.

R. A.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 8[illegible])

— Que m'importa! — Levem tudo, se quizerem!... Se já não tenho ninguem a quem o possa deixar!... Sou o ultimo Radnothy.

— Querem ver que morreu o senhor Gésa? — indagou, ancioso, Estevam, dando um passo para o amo.

— Morreu — retorquiu Radnothy e permaneceu boquiaberto.

Desatou em ruidoso choro o fiel criado, arrancando tambem lagrimas a Radnothy, e este, entre soluços, lançou-se nos braços do Estevam, unica entidade que lhe restava da desapparecida familia, e do esplendor que com ella se afundava.

Decorriam os dias, e o outôno estava á porta. A natureza, nos ultimos arrancos, e o solar, decadente, estavam em absoluta conformidade.

Não se limitava o vento a dispersar as ressequidas fôlhas, arrancava do telhado, derruido, uma que outra ardósia; a chuva infiltrava-se nas abobadas e manifestava-se em largas manchas pelas paredes; a névoa criára apêgo aos torreões e ás chaminés da nobre mansão, pairando sobre uns e outros, tempos esquecidos, e quando se dissipava o sol, dir-se-ia querer verificar, incrédulo, se porventura estaria ainda de pé a veneranda residencia

Ou antes, se o dono della seria vivo.

Era. Após um incommodo de saude que se prolongou durante semanas, e que foi considerado domo doença grave, e servindo de pretexto ao advogado afim de lhe adiar a captura, ergueu-se afinal do leito, e foi para a varanda occupar o seu logar na poltrona. No intervallo dessas poucas semanas invelheceu annos, achava-se em extremo decahido e muito alcachinado. Estava debilitado em demasia para fazer exercicio, falava com esforço, e até o affligia, em extremo, achar-se a sós com seus pensamentos. Punha-se a contemplar a torre da egreja, escutava o burburinho da agua, o sibilar do vento, contava as folhas á medida que iam caindo das arvores, e por fim, de tudo isso se aborrecia, entretendo-se a brincar com o cão de guarda, que não largava de ao pé delle ou lançando mão do cachimbo. Levantava a tampa, enchia-o, e tão acogulado, por vezes, que não

Exposição Pecuaria Agricola em Evora

CHEGADA DE S. M. EL-REI D. CARLOS A EVORA

S. M. EL-REI D. CARLOS VISITANDO A EXPOSIÇÃO

SÉ D'EVORA, VISITADA POR S. M. EL-REI D. CARLOS

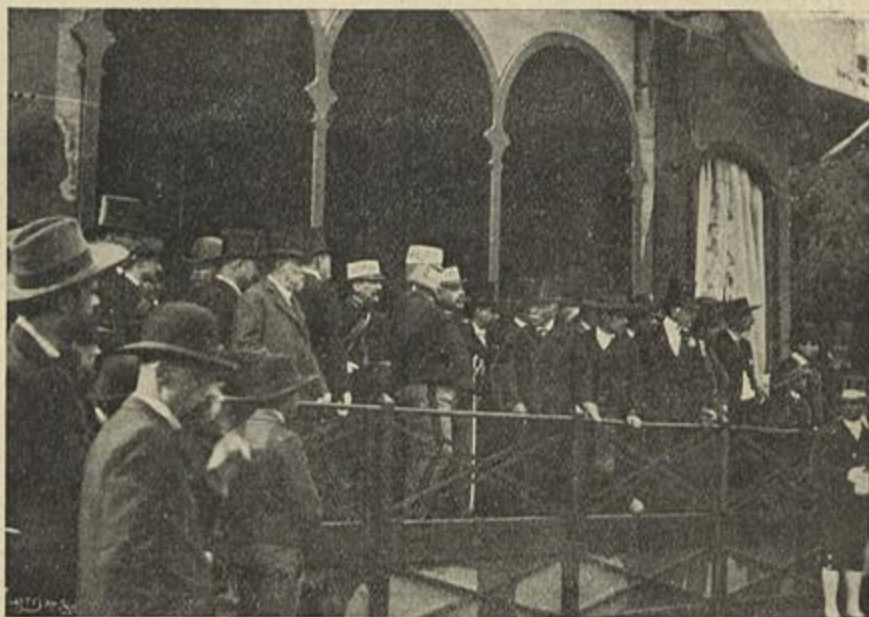
UM TRECHO DA EXPOSIÇÃO

ardia o tabaco por falta de ar. Atribuia o defeito ao tubo, pegava em uma palhinha, intruduzia-lha, zangava-se, e tornava a zangar-se, vezes sem conto, e assim se ia distraindo.

Não queria ver pessoa alguma, o Estevam era o unico cuja presença tolerava: já não tinha ninguem, neste mundo, e era aquelle o derradeiro ente representando a seus olhos o passado, do qual o separavam tantos desgostos, e no qual vivia, insistente.

Desde o dia em que se lhe lançára ao pescoço, abrançando-o d'incontro ao seio, caducára entre ambos a differença de condição; o Estevam já não era para elle um serviçal, mas sim um amigo, um parente, o seu fiel infermeiro. O affecto e a magua prendiam-n'os um ao outro, e desenvolvera-se entre ambos ternura deveras commovedora. Radnothy não tinha segredos para o seu presado Estevam, abria-lhe o coração, e nelle incontrava conforto, e numa palavra, era este, para assim dizer, quem lhe conservava a vida.

Ia com elle, de tarde, á egreja, a distribuir esmolas pelos pobres, e orar pelo filho. Nem se agastava com elle, quando acontecia despertá-lo da sua mistica absorção, recordando-lhe que era tempo de recolher para casa, que toda a gente havia já evacuado a egreja, e que o sacristão queria fechar a porta.

Obedecia e insistia em que se sentasse, á noite, junto do seu leito; punha-se a escutá-lo e ria-se, de vez em quando, adregava vir á balha uma que outra chalacinha dos bons tempos de outróra, o riso deslisava-lhe, porém, nos labios, tão sómente, os olhos, conservava-os fitos na luz da vella, com tristeza, e tinha longe o pen-

S. M. EL-REI D. CARLOS ASSISTINDO DO PAVILHÃO AO DESFILAR DO GADO

(Photographias instantaneas do sr. Antonio Novaes).

vou de outra vez — que tenho que mandar erigir ao Gêsa um formoso mausoleu. Repoisa daqui muito longe e em terra estranha o desditoso moço, e nem uma singela cruz de madeira foi levantada em sua memoria. Querias poupar-me a despezas, pois não querias? E' verdade que estamos sem dinheiro, quanto havia, levaram-m'o o mordomo e o advogado. Mas nós, cada vez d'elle necessitamos menos. Tratêmos de empenhar os campos, já não temos ninguem a quem os deixar.

Mandou chamar o mordomo e exigiu-lhe dinheiro para um sumptuoso mausoleu, ante o qual se maravilhassem os proprios italianos. O mordomo, que jamais contradizia a seu amo, pediu um praso de espera, queixando-se de que eram minimas as cobranças, e que se invertia muito dinheiro no amanho da propriedade, não falando em que metade do rendimento mensal era absorvido pelo processo.

— O processo! — atalhou Radnothy como se ouvisse uma novidade, e animou-se-lhe um tanto o semblante.

— Ah, sim! é verdade! o processo! Não consentem que eu proprio lhe dirija o andamento; algum dia era licito a cada qual tratar dos seus processos, agora, ninguem dá um passo sem licença dos advogados. Tiveram medo da minha penna. Pudera! se eu lhes puz a calva ao sol!... Senhor mordomo, já retribuiu ao ecclesiastico saxonio aquella traducção em lingua allemã? São interesseiros os saxonios e nada fazem por amisade. Trate de avisar o meu advogado que, d'ora avante, virá aqui todas as semanas a receber as

A DESCAMISADA — *José Malhôa*

OS AVOSINHOS D'ALDEIA — *José d'Almeida e Silva*

CARINHOS DE MÃE — *Thomaz de Moura*

samento, até que por fim, notava o Estevam que seu amo adormecera.

Era raro, e apenas uma vez patenteou ao Estevam um exemplo dos fogachos de genio de outros tempos, quando este, com a maxima intimativa pretendia presuadi-lo a vestir um fato novo, opinando que era uma vergonha, a sua persistencia em usar aquelles andajos caindo a pedaços.. Tomou-se de um acésso de ira, atirou pela janella fóra o casaco novo, rogou prágas, ameaçando-o de punho cerrado; assim que cessou, porém, a insistencia por parte d'aquelle, socegou, e mirou-o, reconhecido, como se quizesse agradecer-lhe o havê-lo deixado em paz. As mais das vezes, apenas lhe dirigia carinhosas admoestações e rabujavam ambos um quasi nada, tomando, porém, o caso á boa parte, a despeito da muita tristeza que os assoberbava.

— Estevam, Estevam, — declarou em uma bella manhã, trazendo na mão a biblia familial — lançaste-me no rol do esquecimento! Nem sequer te occorreu que ainda não tinha inscrito a morte de meu filho! Quizeste poupar-me maguas, pois não é verdade? E a morte, poupará acaso, o pobre moço?

E nada mais póde accrescentar, de commovido que estava; depois do jantar assentou-se a escrever as breves linhas, e todo o restante dia falou apenas no filho, isto é, perguntava, e deixava falar o Estevam, que tinha sempre archivo de historias para contar. E elle, calado, e a escutá-las tão attento e absorvido, como outr'ora, em pequenino, as escutava, o garotete do Gêsa, quando á noite o dedicado servo lhe contava historias de fadas, para mais depressa o adormecer. O pae não dormia, sonhava accordado toda a santa noite e de manhã queixava-se de que se não sentia corrente.

— Tambem desta feita me não recordaste, — obser-

SABOTIER BRETON — *Adolpho de Souza Rodrigues*

minhas instrucções. Já me acho restabelecido. Mas diga-lh'o a elle, tão somente, que ninguem oiça, pois de outro modo vêm-me prender. Para toda a gente, estou doentissimo — não sei se me percebe? — E attente bem nisto que lhe digo!

E agora transferira a sua attenção do mausoleu do filho para o processo. Commentou largamente ao Estevam os transmittes do processo, e ficava contentissimo, por ver que este applaudia os passos que havia dado. Não se falou em outra coisa em toda a tarde, e ao anoitecer entrou a resingar contra o advogado e o mordomo, ácerca dos quaes principiava a conceber desconfianças. Encasquetara-se-lhe no miolo que a Elsbeth os havia peitado a um e outro; o mordomo não lhe queria dar dinheiro, com o sentido de pôr de parte quanto podia dos rendimentos para remetter á Elsbeth, o advogado pronunciara-se contrario ao testamento, pretendendo levá-lo a uma solução favoravel para a Elsbeth. Disse, e entrou a rir; abriu uma gaveta fechada com cadeado, e cuja chave trazia sempre comsigo, saccou do testamento, leu-o ao Estevam, e este, quando ouviu que lhe fôra tambem arbitrada uma modesta pensão, beijou as mãos ao amo, e Radnothy, contente com aquelle rasgo de gratidão e de affecto, como se pela primeira vez em sua vida recebesse uma tal manifestação. Olvidou o processo, o testamento, absorvendo-se na alegria que lhe causava o contentamento do seu servo. E assim lhe ia uma nova circumstancia varrendo da memoria a anterior, mantendo-lhe a alma em continua actividade.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

IBEROS E BASCOS

Tal é o titulo de um curioso e interessante volume de 332 paginas que acaba de enriquecer a literatura portugueza e a que deverão seguir-se outros, já no prelo ou em preparação.

O auctor, sr. J. M. Pereira de Lima prova-se um erudito no maior amplo sentido d'esta palavra, um sensato observador e sobretudo, o que é devéras importantissimo e apreciavel, muito logico e seguro em conclusões.

DR. PEREIRA DE LIMA

No estado actual de conhecimentos humanos não é possivel ir mais longe em um assumpto para o completo esclarecimento do qual faltam elementos categoricos em chave decifradora de caractéres.

Vou dar aos leitores a ideia de orientação e de marcha seguidas pelo auctor transcrevendo os titulos dos capitulos que constituem este seu magnifico trabalho, eil-os, pois:

1.º Rasões, difficuldades e fins d'estes estudos.
2.º Uma classificação de Raças e Povos.
3.º Prehistoricos, Prótohistoricos e Prearyanos.
4.º A Atlantida, e a civilisação, tradições e affinidades ethnicas dos Atlantas.
5.º A existencia dos primévos Iberos, perante a lingua, vocabulario e toponymia dos Euskarianos.
6.º Provas das antigas civilisações turanianas, e especialmente da iberica.
7.º A lingua basca e suas affinidades turanianas.
8.º A dolichocephalia turaniana, e as caracteristicas morphologicas dos Iberos e Bascos
9.º Religião dos Iberos.
10.º Crenças religiosas dos Turanianos, e sua transmissão e tarnsformação atravez Iberos e Bascos.
11.º O culto ancestral iberico reflectindo-se nos modernos Bascos.
12.º A «Pastoral» e a arte theatral dos Bascos.
13.º As danças e a musica popular euskarianas.
14.º O Folk lore Iberico, e as tradições, lendas, contos, proverbios e superstições dos Bascos.
15.º A virilidade da Familia Iberica e a gymnastica dos jogos physicos.
16.º Concluindo.»

Todos estes capitulos estabelecem principios e premissas perfeitamente assentes em bases historicas fundamentaes e o leitor não encontra ahi senão motivos de agrado e de deleite.

Muito nitidas gravuras illuminam o texto em linguagem aprimorada e pouco vulgar em nossos dias tão avessos infelizmente a lucubrações da natureza d'aquellas de que dá testemunho brilhantissimo a obra do sr. Pereira de Lima, á qual estou alludindo.

Duas cartas acompanham o volume *Iberos e Bascos* — bathymetrica do Atlantico-Norte e da região da «lingua basca» — que, juntamente com as preciosas notas que o fecham, acabam de imprimir-lhe todo o realce.

«Emittindo o nosso parecer sobre a chamada «questão basca» estamos convencidos, que ella forma a «questão ethnographica iberica» e que na solução d'aquella, e portanto d'esta ultima, estão as principaes bases da historia dos primévos da nossa peninsula.»

Estas linhas do auctor na penultima pagina do 1.º capitulo bastam a meu intento para mostrar aos leitores do *Occidente* qual é em synthese o ponto de vista historico de especialidade e o acerto logico de rigor positivo em analyse de factos que inspiram e guiam o sr. Pereira de Lima.

O meu desejo era transcrever a obra inteira porque só assim ficaria patente o seu merecimento scientifico e o alto criterio de quem a escreveu.

Entretanto, ella irá caminhando naturalmente por seu proprio valor sem carecer mesmo de applausos expressos e porventura de criticas menos favoraveis.

Em todo o caso será certo sempre que o livro do sr. Pereira de Lima representa muito estudo e muito labor intellectual, e que o illustre escriptor não pretende de modo algum haver dado a ultima palavra em assumpto ibero-basco.

Consultou o que ha de melhor, viu e examinou por seus olhos diversos logares e objectos e em seu gabinete reuniu apontamentos com ordem e methodo e produziu por ultimo o instructivo e empolgante livro que acaba de ser impresso por Aillaud & C.ª

Oxalá em breve sigam a *Iberos e Bascos* os demais estudos sobre phenicios, celtas, carthaginezes, latinos, germanos, arabes, mosarabes e neolatinos, em que o auctor já trabalha e que serão distincta gloria das letras patrias!

D. Francisco de Noronha

O MEZ METEOROLOGICO

Maio, 1903

Barometro. Altura maxima 772mm,2 em 15.
» » minima 754mm,9 em 28.
Thermometro. Maxima 27º,8 em 25.
» Minima 9º,3 em 6.

A temperatura foi extraordinariamente baixa e muito inferior á normal até 15 (Max, 17º,8). O frio manteve-se durante toda a 1.ª quinzena, sem interrupção, facto pouco vulgar n'este mez. A partir de 16, alta sensivel na temperatura, attingindo em 23, 26º,2 e em 26, 26º,9.

De 27 a 31, temperatura proxima do normal.

Chuvas. Em todo o mez houve 83mm,7, maior quantidade do que em abril (54mm,8).

Os dias em que choveu, foram: de 1 a 13, 18, 23, 26 e 30.

Em 26, o pluviometro accusou 34mm,4.

Ventos. — SW de 1 a 11. S em 12. NW de 13 a 15. NE em 16. SE em 17 e 18. NW em 19 e 20. NE de 21 a 26. W em 27. SE em 28. NW de 29 a 31. Ceu, bom tempo 7 dias. Nublado, 22. Encoberto, 2.

Relampagos em 25.
Trovões em 8, 10, 12, 24 e 25.
Trovoada fortissima na noite de 26.
Graniso em 8 e 10.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXXVIII

É importante a influencia da temperatura nos reveladores. Todos os que se dedicam a esta arte, sabem que os reveladores frios são menos energicos do que os quentes, produzindo uns negativos mais duros do que aquelles que se utilisam á temperatura de 20º.

Se o iconogenio parece insensivel a qualquer temperatura, no entanto, o hydroquinone tem uma acção quasi nulla sobre o gelatino-brometo a 5º. positivos.

Se a temperatura fôr inferior a 0º. o acido pyrogalhico e o oxalato de ferro teem pouco poder reductor.

Afim de se obter soluções reductoras que se conservem bastante tempo, no inverno será necessario, portanto, conserva-la a uma temperatura medeante entre 15º. e 20º.

Para esse fim, basta conservar os frascos que conteem os banhos reveladores n'um quarto quente, ou mergulhados em agua morna.

NECROLOGIA

DR. TEIXEIRA DE ARAGÃO

Falleceu a 29 d'abril o dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, distincto facultativo militar aposentado no posto de cirurgião-mór.

Homem d'uma actividade extrema e erudito, leccionou durante alguns annos a cadeira de hygiéne na Escola do Exercito, e foi director do gabinete numismatico d'El-Rei, exercendo importantes commissões officiaes, sobre tudo de caracter archeologico.

Em 1857 encarregado da secção portugueza da *Historia do Trabalho* na Exposição Universal de Paris, redigiu o respectivo catalogo, sendo um dos membros da commissão executiva da Exposição de Arte Ornamental em 1881-82.

Como numismata era a primeira auctoridade do nosso paiz, e a sua obra mais importante foi a *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, edição feita em 3 grossos volumes in 8.º francez, verdadeiro repositorio de pacientes investigações sobre tão curioso assumpto.

Os dois primeiros volumes occupam-se exclusivamente das moedas do continente, reservando o seu auctor para o 3.º volume a inumeração das moedas da India e da Africa Oriental.

Este volume foi publicado em 1880 por occasião de se celebrar o centenario de Camões.

Falta ainda um outro volume para completar a obra destinada á descripção das moedas do Brazil e da Africa Occidental, cujas estampas se achavam já impressas, estando igualmente adiantado o trabalho historico e descriptivo.

Alem d'esta obra o sr. Teixeira de Aragão publicou tambem um catalogo das moedas romanas do gabinete numismatico d'El-Rei e uma monographia historica, de que se deram tres edições, a ultima das quaes com importantes ampliações, por occasião da commemoração do 4.º centenario do descobrimento da India.

Dizia-se que o sr. Teixeira de Aragão possuia uma das mais importantes collecções de moedas, mas que alem d'isso a sua casa era um verdadeiro museu de trajes e costumes de muitos povos do mundo e de objectos archeologicos e artisticos, cuja venda publica effectuara ha pouco tempo, tendo o nosso museu de bellas artes adquirido muitos d'esses objectos.

Era socio effectivo da Academia Real das Sciencias e membro de outras corporações litterarias e scientificas do estrangeiro, onde era merecidamente considerado e respeitado.

Parece que nos ultimos tempos a doença, que com a idade se fôra aggravando, o indispozera com os seus estudos perdilectos, tendo-se tornado concentrado e isolando-se do convivio, tornando quasi olvidado esse nome, que elle tão dignamente tornara merecedor do respeito e da admiração dos seus concidadãos.

DOMINGOS JOSÉ DE MORAES

O activo e emprehendedor industrial que succumbiu no dia 28 de Abril aos effeitos d'uma lesão cardiaca, deixou entre as classes indigentes, que elle liberalmente esmolava, affirmações evi-

dentes d'um caracter accessivel á compaixão e ao amor do proximo, virtudes que o tornavam querido das classes populares, como entre a classe commercial era tambem estimado por outras qualidades de caracter que o distinguiam.

Contava 56 annos de idade, tendo nascido em 2 de setembro de 1846, na freguezia da Areosa, concelho e districto de Vianna do Castello, sendo seus paes Antonio Luiz de Moraes, antigo funccionario aposentado, e D. Rosa Martins Moraes.

Vindo aos 14 annos para Lisboa, como empregado da casa de cereaes do sr. Miguel da Silva Pombeiro, do seu genio trabalhador e infatigavel deveu, quatro annos depois, poder estabelecer-se por sua conta com o mesmo ramo de negocio.

Casou com a sr.ª D. Maria Gertrudes Moraes, de quem teve duas filhas, e, enviuvando, consorciou-se em segundas nupcias em 1875, com a sr.ª D. Amelia Formigal de quem tambem houve tres filhos, sendo vivos tanto os filhos do primeiro matrimonio como os do segundo.

Desvelado protector de confrarias e irmandades, algumas das quaes o contavam entre os seus mais dedicados membros, concorria para a sustentação dos asylos de Vianna do Castello, dispendendo ahi avultadas quantias para a construcção de um hospicio de caridade, e de um hotel com que dotou a irmandade de Santa Luzia do Monte, mantendo á sua custa em Vianna do Castello, uma aula pelo methodo João de Deus.

De um estabelecimento modesto passou a ser o proprietario da fabrica de moagens em Sacavem, que pouco a pouco se foi desenvolvendo e é, actualmente, a maior e mais importante do paiz.

Continuando sempre auferindo grandes lucros, começou distribuindo avultadas esmolas pelo bairro de Alfama, tendo sido um dos grandes subscriptores para a reconstrucção da egreja de S. João da Praça, de Lisboa, ha annos inutilisada por um violento incendio e concorrendo com importantes donativos para o asylo escola Antonio Feliciano de Castilho, Irmãsinhas dos Pobres, de Campolide e para a Associação das Escolas Moveis.

Ainda ha pouco no Asylo de Santo Antonio, havia sido inaugurada uma capella mandada construir por Domingos José de Moraes, e esse facto sem duvida, deu motivo á sessão solemne realisada n'aquelle asylo em 31 de Maio, promovido pela direcção em homenagem á memoria do benemerito industrial.

N'essa sessão, a que presidiu o sr. conselheiro Ferreira Lobo e cuja assistencia foi numerosa, vendo-se ali representados varios asylos e escolas que José de Moraes protegia, fez-se justiça ás qualidades do finado e enalteceram-se as suas virtudes, recordando-se factos que demonstraram até que ponto elle era dedicado a essas instituições de caridade.

Foi com certeza esse o mais justificado preito de gratidão que se podia consagrar á memoria do benemerito industrial.

Recebemos e agradecemos:

Bilhetes postaes illustrados. — O sr. Faustino Martins, o mais antigo philatelista de Lisboa, e cujo acreditadissimo estabelecimento na praça de Luiz de Camões n.º 35, é o primeiro no seu genero pela grande collecção de bilhetes postaes illustrados, sellos e albuns, cuja seriedade dá sempre competencia ás outras casas do genero, acaba de publicar uma collecção de bilhetes postaes illustrados, chamada edição Martins, com tudo que ha de mais curioso em monumentos, typos e panoramas de Portugal.

Agradecendo os exemplares com que o editor nos brindou, recommendamos aos colleccionadores que adquiram a collecção d'estes bilhetes postaes, pela perfeição e nitidez não só do trabalho artistico, como pela escolha das suas illustrações digna de figurar n'um album.

Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett — Publicação illustrada, de que é director o sr. Alberto Bessa.

Temos presente o n.º 1 d'este Boletim, consagrado especialmente ao notavel homem de letras de quem a benemerita sociedade tomou o nome, dando conjunctamente com alguns trechos e versos de Almeida Garrett, duas bellas poesias sendo uma de Bulhão Pato, que foi recitada pela actriz Virginia no theatro de D. Maria e outra de Alberto Bramão, *O Genio*, na sessão solemne da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* em 4 de Fevereiro; parte da dissertação preferida na mesma sessão solemne pelo sr. Zeferino Candido, o distincto director da *Epocha;* o discurso de agradecimento proferido pelo sr. Conde de Vallenças, no final da mesma sessão; Garrett e os cantores de S. Carlos, pelo dr. Xavier da Cunha; Ephemerides Garrettianas, pelo director do Boletim, e um resumo dos serviços que a sociedade tem prestado desde o seu inicio até ao presente.

As principaes gravuras constam dos retratos de Almeida Garrett, Gomes de Amorim, Bulhão Pato, Conde de Vallenças, dr. Xavier da Cunha, João Penha, Alberto Bramão, a filha do poeta, D. Maria Adelaide Garrett etc.

E' uma publicação deveras cuidada, que bem mostra as distinctas faculdades de trabalho do nosso amigo Alberto Bessa, e dos que cooperam com elle na elaboração do *Boletim.*

O Zoophilo — Temos continuado a receber regularmente esta publicação, orgão das sociedades protectoras dos animaes de Portugal, e que na sua obra de propaganda a favor de tão importante causa vae no seu 26.º anno de existencia.

Tiro Civil — E' o n.º 259 d'esta revista de Educação physica e de sport Nacional que acabamos de receber referente a 15 do corrente. O presente numero continua a mostrar na escolha dos assumptos de que trata ser uma revista expressamente consagrada ao fim a que se destina, que é deveras nobre e civilisador.

Parodia Comedia, Portugueza — Continua honrando-nos com a sua visita esta revista humoristica e de caricaturas, dirigida superiormente na parte artistica pelos nossos amigos Raphael Bordallo Pinheiro e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

Açores America — N.ºs 6 e 7, correspondentes a 28 de março e 4 de Abril, são os ultimos numeros d'este semanario illustrado em portuguez, que se publica em Cambridge, e é admiravelmente recebido não só em Portugal como em todo o Brasil. E' seu director o professor Eugenio Pacheco.

Revista Academica — O n.º 10 d'esta publicação mensal, insere um retrato de Anthero do Quental e collaboração de nomes bem cotados nas lettras.

Sonetos en lengua castellana *y en lengua portuguesa por Tito Zanardelli — Bolonia — Libreria de Nicolas Zanichelli — 1902*

É realmente admiravel como o sr. professor Zanardelli, de Bolonha, consegue manejar, alem d'outras, a lingua portugueza. Da forma como o faz dão lisongeira idéa os sonetos que publicou neste seu opusculo.

Aparte umas ligeiras hesitações, que a semelhança das linguas hespanhola e portugueza origina facilmente em quem só conhece os dois vocabularios por especulação, pode affirmar-se que essas composições são perfeitas. O metro e a rima é que denunciam esses ligeiros senões, que só veem dar relevo ás immensas difficuldades que a lingua portugueza offerece aos que a cultivam, quando alheios por naturesa ao genio e á indole d'ella.

Para se avaliar do merecimento dos sonetos e do apreço que o auctor dedica ao nosso idioma, reproduzimos o primeiro dos sonetos portuguezes que é dedicado

A LUIZ DE CAMÕES

Mais do que possa nova industria em arte
Quero aqui celebrar, antes que em prosas,
Aquelle que, por obras gloriosas,
O seu nome espalhou por toda a parte.

Divino Campeão de Appollo e Marte,
Hoje em luzente assento te repousas!
Mas qual foi o teu viver? Quaes as queixosas
Penas de hontem, que quiz o mundo dar te?

Sempre, por negro Fado, trabalhado
Em mar, em terra de um em outro escolho,
Em India, Africa, Goa, além da Iberia.

Uma e outra vez com fraude desterrado,
Pela Sorte privado até de um olho,
A patria deu-te o leito da miseria!

Bolonha, 22 outubro 1902

Revista Litteraria, do Funchal, é uma publicação encetada ha pouco. Temos presente o n.º 1.

O Instituto — Revista scientifica e litteraria — N.º 12 — Coimbra, 1902. Imprensa da Universidade — Collaboram no presente numero os srs. Bernardino Machado, Amadeu da Silva d'Albuquerque, Marques Braga, Rodolpho Guimarães, L. C. d'Almeida, dr. Sousa Viterbo, José Joaquim de Ascenção Valdez e visconde Julio de Castilho.

Portugal Militar — Revista illustrada, supplemento da Revista da Administração Militar — Estão publicados os 6 primeiros numeros, inserindo artigos sobre assumptos da mais palpitante actualidade. Damos as boas vindas ao nosso estimado collega.

Revista Moderna, *politica e litteraria n.ºs 3 a 6 — serie II — Roma 1903.*

N'esta interessante revista italiana, que se publica em Roma, collaboram não só muitos professores da Universidade, mas diversos homens de lettras de indiscutivel merecimento.

A Illustração Moderna — Vae no 4.º anno esta publicação, que tem a sua séde no Porto. Recebemos os nove primeiros numeros da 4.ª serie, que tanto na parte artistica como litteraria dão honra aos seus directores.

Os Pontos — Egualmente somos gratos á regularidade com que nos tem sido enviada do Porto esta publicação humoristica.

Filippe Nery Xavier. — *Esboço biographico por J. B. Amancio Gracias—Nova Goa-Bastorá 1902.*

Este esboço biographico, assim publicado em opusculo, é uma *separata* da nova edição do *Bosquejo Historia das Communidades*, commemorativa do centenario do seu auctor, que foi celebrado em 15 de dezembro de 1902 com o maior esplendor.

O erudito auctor do *Bosquejo* tem neste esboço biographico a devida consagração. N'elle são, bem posto em relevo os vinte e quatro annos de um trabalho arduo e fatigante, sem intermittencias, que Filippe Nery levou no seu monumental e herculeo estudo da historia das communidades indianas. Nessa obra se historia a origem e a evolução do systema communal, descrevendo por menos as aldeias de Gôa, onde elle prevalece, não lhe esquecendo a sua situação topographica orographicae hydrographica, os monumentos que as assignalam, as lendas e tradições em que anda envolta a sua historia local.

Todo o enorme valor deste trabalho de Xavier é apreciado justamente pelo sr. Amancio Gracias, e o esboço biographico que escreveu para a nova edição de tão valiosa obra é digno d'ella e do seu illustre auctor, uma das nossas glorias litterarias.

O Popular *litterario, scientifico e artistico* — O seu ultimo n.º é consagrado a Almeida Garrett, de quem transcreve as duas melhores scenas do *Frei Luiz de Souza.*

A Construcção Moderna — Temos presente os n.ºs 95 e 96 d'esta bella revista illustrada, collaborada por distinctos technicos.

O Independente — Corresponde a 15 de Março o n.º 7 que temos sobre a nossa mesa, d'esta publicação mensal de instrucção e recreio que se publica no Porto.

A Chronica — Temos recebido regularmente esta interessante revista, de que era director o fallecido Luiz da Silva, que tinha por esta publicação um verdadeiro affecto paternal.

O numero que temos presente é quasi todo dedicado ao seu fallecido proprietario e director.

A Semana — Os ultimos numeros d'esta conceituada revista açoriana inserem collaboração de muitos escriptores modernos, dos mais em evidencia, como Claudia de Campos, João Penha, D. João da Camara, Antonio Bandeira e outros.

Gil Braz — Desde dezembro que não recebemos a visita d'este quinzenario illustrado de litteratura, critica, theatros e sport.

Sociedade Futura — D'esta revista quinzenal dirigida pela sr.ª D. Maria Olga Moraes Sarmento da Silveira temos presentes os n.ºs referentes a Fevereiro e Março, inserindo os retratos das sr.ªs D. Carolina Michaelis de Vasconcellos e Condessa de Proença a Velha, um dos melhores temperamentos artisticos do nosso meio aristocratico.

Correspondencia da Covilhã — Completou no dia 17 do corrente o quinto anno da sua publicação a *Correspondencia da Covilhã*, de que é proprietario o nosso collega sr. José de Figueiredo.

Tendo recebido com a maior regularidade a visita d'este collega, cujo logar na imprensa representa a affirmação de um fervoroso advogado dos progressos de uma das cidades mais industriaes do paiz, a Covilhã, sendo sempre o propugnador dedicado da autonomia municipal, não poderiamos deixar de felicital-o pelo seu anniversario, fazendo votos pelos progressos e prosperidades do illustrado periodico.

O Gafanhoto — Recebemos os n.ºs 1 a 5 d'esta interessante publicação dedicada á infancia, de que são directores Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro.

A edição é da Livraria Ferin, o que basta para dar da perfeição do seu trabalho artistico a mais segura idéa.

O Gafanhoto é uma collecção de contos engra-

DR. TEIXEIRA D'ARAGÃO

Fallecido em 29 de abril de 1903

çadissimos em prosa e verso, intercalados com gravuras, muitas das quaes coloridas, e que auxiliam as creanças a formarem uma ideia perfeita das situações mais em evidencia no texto.

E' um passatempo instructivo e com um fundo de moralidade, que encanta e diverte os mesmos adultos.

Cintra Pinturesca ou Memoria Descriptiva das villas de Cintra, Collares e seus arredores. — Editores Tavares & C.ª — «A Camelia» L. da Misericordia, Cintra.

Recebemos o fasciculo n.º 1 d'esta interessante obra que constará de 25 fasciculos, illustrada com perto de 300 gravuras e que descreverá minuciosamente a historia d'aquellas duas villas e seus arredores, tão universalmente conhecidas e apreciadas pelas suas bellezas naturaes, etc.

Ainda não recebemos mais nenhum fasciculo.

Catalogo illustrado da casa Ramiro Leão & C.ª, de Lisboa. Typ. do Commercio. Tr. do Sacramento.

É a casa Ramiro Leão uma das mais importantes e acreditadas do nosso paiz e á vista do catalogo publicado pódem os nossos leitores fazer uma pequena ideia do que acima deixamos dito. Abrindo o referido catalogo deparamos com as seguintes curiosas divisas que gostosamente transcrevemos para bem se avaliar da seriedade de tão importante casa.

«Comprar só artigos bons para poder garantir tudo o que vendemos.

«Comprar o mais barato possivel para vender verdadeiramente barato.

«Limitar o lucro para alargar as vendas.

«São estas as nossas divisas commerciaes, ás quaes devemos todo o conhecido progresso e desenvolvimento da nossa casa e o augmento, sempre crescente, das suas transacções.»

DOMINGOS JOSÉ DE MORAES

Fallecido em 28 de abril de 1903